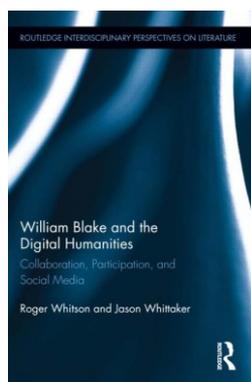


Perspectivas Colaborativas das Humanidades Digitais nas Investigações sobre William Blake

Caio Di Palma

CLP | Universidade de Coimbra

Bolseiro da FCT



Roger Whitson & Jason Whittaker, *William Blake and the Digital Humanities: Collaboration, Participation, and Social Media*. London, Routledge, 2013, 200 pp. ISBN 978-0-415-65618-4

Pela primeira vez a lume em 2013 pela editora londrina Routledge, o notável estudo conjunto de Roger Whitson e Jason Whittaker sobre o legado de William Blake – *William Blake and the Digital Humanities: Collaboration, Participation, and Social Media* – surpreende por sua abordagem que entrelaça estudos literários e perspectivas teóricas das áreas de *social media* e *digital humanities*. Em verdade, a obra vislumbra uma proposta de análise e ensino dos fenômenos digitais inspirados na obra de Blake. Mais do que enfatizar a genialidade blakeana, essas manifestações, segundo os autores, amplificam os sentidos, as formas estéticas e a epistemologia do poeta. Por esse caminho, ao mesmo tempo de colaboração e participação na obra blakeana, o poeta é abordado como um fenômeno de *social media*, isto é, um *leit motif* provocador de participações ativas do público, tornando-os, consequentemente, em co-produtores e extensores de sua obra.

Se a ausência da nota de contracapa e a capa genérica – a seguir o modelo editorial e o design gráfico da editora Routledge – não permitem entrever o conteúdo da obra, a introdução assinada pelos autores expõe um panorama completo, conciso e claro dos estudos de Whitson e Whittaker que se encontram nas páginas seguintes. “Introduction: Zoamorphosis and the Digital Humanities” começa por discutir casos de incorporação de Blake para a criação participativa de projetos estéticos e performativos em plataformas

digitais (Flickr, Youtube, Twitter, Google Maps) em diferentes formatos (filmes, vídeos, fotos, música, localização topográfica).

Nessa secção introdutória, observa-se a teorização de *zoamorphosis*: processo que, segundo os autores, define toda a recepção de Blake nos campos de estudos midiáticos e de humanidades digitais. *Zoamorphosis* [<http://zoamorphosis.com/>] caracteriza os expedientes de co-criações a que a obra blakeana se permite, em especial pelos sistemas de economia midiática no século XXI, num processo de assimilação, adaptação e transformação.

Na primeira secção, “Archives and Ecologies”, Whitson e Whittaker introduzem, em linhas gerais, o princípio de *zoamorphosis* na obra de William Blake e a proposta de alguns de seus estudiosos e apreciadores: torná-lo em um *leit motif* para outras criações em plataformas digitais. Num processo ao mesmo tempo de análise, participação ativa e readaptação, essa iniciativa – a entrelaçar estudos de *social media* e de *digital humanities* – elucida o fato de que o princípio da *zoamorphosis* permitiu à sua obra uma abertura para diversas adaptações.

Os autores, de fato, se propõem a perspectivar as iniciativas colaborativas, tanto em edições impressas quanto em redes sociais e plataformas digitais, que amplificam, de modo participativo, o entendimento e a produção material sobre Blake. Como exemplos, os autores citam um extenso panorama de ‘criações blakeanas’, tais como: a primeira edição de “Tyger”, por Alexander Gilchrist, em *Life of William Blake*; as adaptações do hino de *Jerusalem* (ausente, pois profetizada em Blake) – nos cenários punk da contracultura; e o arquivo digital no *Blake Multimedia Project*, *Blake Digital Text Project*, *The William Blake Archive* e o aplicativo *2011 Blake's Notebook iOS*. Todas essas iniciativas, reforçam os autores, reinventam Blake de acordo com a identidade de cada grupo social na contemporaneidade.

O segundo capítulo, “The Tyger”, propõe analisar a criatividade de Blake a partir da observação das audiências. Nesse capítulo, Whitson e Whittaker mostram como o poema mais famoso de Blake reverbera não apenas leituras, mas iluminuras criativas que se acendem em livros, filmes, programas de televisão e *comic books*. Sua obra, conforme observam, encoraja a revisitação, transformando suas partes em algo sempre novo, sempre ativo, a circular pulsante em diferentes mídias sociais. Aqui, os autores mostram como esses atos de visitação ao *Tyger* foram cruciais tanto para as leituras de Stanley Fish sobre o poema como uma comunidade interpretativa, quanto para mostrar que a *zoamorphosis* opera como um plano dinâmico, que possibilita aos artistas estenderem a obra de Blake. Nessa perspectiva, os autores abordam o *Tyger* como um fenômeno de *social media*, presente no *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, na música gótica e folk de Thelma e Greg Brown, nas imagens de Joel-Peter Witkin e Korshi Dosoo, e na arte de mídia digital de Guilherme Marcondes.

Em “Jerusalem”, observa-se a motivação dos autores em demonstrar como o processo colaborativo de adaptação do *Jerusalem* se configura como

uma atividade de extensão da obra-prima. Mais do que recepção, a criação do hino de *Jerusalem* – ausente no canto profético de Blake – é uma forma de co-produção na composição de Sir Hubert Parry. Mais do que uma música popular, os autores reforçam que o hino serviu de tema e propaganda política. Pelas implicações dessas conexões produtivas, Whitson e Whittaker observam que os eventos de *social media* sobre Blake já lá estavam antes daqueles manifestos na mídia digital. Muito embora, as novas tecnologias em linha tenham amplificado o alcance, a velocidade das respostas e o número de intervenções.

“Digital Creativity: Teaching William Blake in the Twenty-First Century” ilustra as possibilidades recentes de ensino sobre o poeta. Nessa perspectiva pedagógica aberta pelas humanidades digitais e estudos de mídia, ao invés de reforçar o aspecto mítico-profético de sua obra, professores e discentes estabelecem com tais textos uma relação dialógica: incorporando-os num exercício criativo de participação colaborativa, o que resultam são novas obras que redefinem co-criação textual e análise literária no século XXI. À guisa de exemplificações sobre os exercícios que expõem novas metodologias pedagógicas e perspectivas teóricas sobre o legado de Blake, os autores discutem o caso do projeto *Blake 2.0: William Blake and Digital Culture* [<http://www.palgrave.com/page/detail/blake-2.0-steve-clark/?K=9780230280335>]. Desenvolvido por um grupo de pesquisa que contou com a dedicação de professores e estudantes do Georgia Institute of Technology, *Blake 2.0* propunha ser um projeto de recriação das ideias, personagens e frases do *Milton* nos canais do Twitter e do Google Docs.



William Blake, *The Book of Urizen*, copy G, plate 5. © Library of Congress.

Whitson e Whittaker defendem que esses projetos buscam codificar os sistemas de pensamento blakeanos, reagrupando-os em forma de database. Como exemplo podemos citar a iniciativa do projeto Blake Archive [<http://www.blakearchive.org/blake/>]. Esse princípio metodológico estrutural nas humanidades digitais é investigado pelos autores a partir do conceito de ‘clodinâmica’, patenteado por Peter Turchin. Assunto vasto que se prolonga pelas linhas do penúltimo capítulo – “Blake and His Online Audiences” –, no qual se discute os caminhos abertos pela dinâmica participativa sobre as obras de Blake em salas de aula nos cursos de jornalismo e estudos de mídia.

Por último, o derradeiro capítulo, “Folksonomies and Machine Editing: William Blake’s New Aesthetic on Flickr, Wikipedia, and Youtube”, se encarrega dos últimos apontamentos sobre o entrelaçamento de estudos literários, humanidades digitais e estudos midiáticos. O capítulo se centra na emergência de bases de dados em linha sobre Blake, assim como reforça a necessidade de uma taxonomia e curadoria adequadas para o estudo de tais projetos. Segundo os autores, é preciso teorizar as relações atuais entre as novas tecnologias, as políticas editoriais digitais e os códigos da linguagem maquínica. Por fim, “Coda: Dust and Self-Annihilation” conclui as reflexões com alguns pontos fulcrais, a saber: a importância da *zoamorphosis* e de uma *flat ontology* (ontologia mais larga e flexível) para a análise consistente de tais projetos. Ao final da obra, o leitor percebe a relevância dos estudos interdisciplinares para uma compreensão mais ampla dos acontecimentos de re-atualização do legado de Blake em plataformas *online*.

O desafio aceito pelos autores, de fato, deve ser reconhecido, pois permite a problematização de Blake não só como poeta, mas como um fenômeno ativo de *social media* com larga amplitude de atuação.

Referências

Blake 2.0: William Blake in Twentieth-Century Art, Music and Culture.

<http://www.palgrave.com/page/detail/blake-2.0-steve-clark/?K=9780230280335> [3 mar. 2015].

The William Blake Archive <http://www.blakearchive.org/blake/> [3 mar. 2015].

Zoamorphosis <http://zoamorphosis.com/> [3 mar. 2015].

© 2015 Caio Di Palma.

Licensed under the [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).